ISSN 1413-389X Temas em Psicologia - 1998, Vol 6 nº 2, 117-124

Creche como contexto de desenvolvimento: parcerias adulto-criança e criança-criança[1]

Eulina da Rocha Lordelo[2] e **Ana Maria Almeida Carvalho**
Universidade Federal da Bahia *Universidade de São Paulo*

Resumo

A pesquisa sobre parcerias desenvolvimentais opondo adulto e criança tem avançado em identificar efeitos positivos e/ou negativos em ambos os contextos, embora com resultados ainda inconclusivos. No entanto, o caráter fragmentário desse campo, em que as investigação abordam aspectos isolados do desenvolvimento – cognitivo, social ou afetivo, dificultam um avanço na compreensão do problema como um todo. Os resultados freqüentemente conflitantes requerem um esforço de integração que permita recolocar os problemas de uma perspectiva global do desenvolvimento. Esse esforço justifica a adoção de uma abordagem teórica que compatibilize uma perspectiva biológica, que supõe direção e limites, dados pelo ambiente de evolução, e uma perspectiva desenvolvimental, que supõe a novidade, fruto das contingências provindas das experiências individuais. O presente trabalho visou explorar essas idéias a partir de alguns resultados de pesquisas que focalizaram as possibilidades de interação adulto-criança e criança-criança em ambiente de creche. Os dados foram obtidos a partir de observações de 62 crianças de 1 a 3 anos. Os resultados encontrados apontam a estabilidade de certos modos de organização, como a orientação para o adulto e para outras crianças, e a mudança na importância relativa do tipo de parceiro conforme o *status* desenvolvimental da criança. Esses achados empíricos podem ser melhor compreendidos nos quadros de referência de uma abordagem teórica abrangente, como a dos sistemas dinâmicos, vinculada a uma perspectiva etológica, que integre as múltiplas influências – contexto e cultura, base biológica – no fenômeno do desenvolvimento. Ressalta-se a importância de repensar o conceito etológico de ambiente de desenvolvimento nos termos de uma interação dinâmica organismo *versus* ambiente, à luz dos resultados da pesquisa, conforme ela seja direcionada para apreender essa interação.

Palavras-chave: creche; parceria; interação; adulto-criança; enternação criança criança.

Day care center as a developmental context: adult and child - child - partnerships

Summary

The research on developmental partnerships that opposes adult and children has advanced in identifying positive and negative effects in both contexts, although with inconclusive results. Nevertheless, the scrappy nature of this field, where the studies deal with isolated features of development – cognitive, social or affective – increases the difficulty of progress on the comprehension of the problem as a whole. Results frequently conflicting require an effort for integration that authorises us to replace the problem with a global development perspective. This effort justifies the

---

1. Trabalho apresentado no Simpósio *Contexto de desenvolvimento infantil: espaço, cultura e adaptação*, na XXVIII Reunião Anual de Psicologia, coordenado pela dra. Mara Ignês Campos de Carvalho.
Este trabalho é baseado em dados apresentados na Tese de doutorado *Ambiente de desenvolvimento humano: uma reflexão a partir do contexto creche*, apresentada ao Instituto de Psicologia da USP pela primeira autora, sob a orientação da segunda.
APOIO: CAPES/CNPq.
2. Endereço para correspondência: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBa.
Estrada de São Lázaro, 197, CEP: 40210-730, Federação, Salvador, Bahia: Tel.: (0xx71)-247 29 78: Fax: (0xx71)-247 28 00
Endereço residencial: Rua Guadalajara, 15, ap. 101, CEP: 40140- 460, Morro do Gato, Salvador, Bahia, Tel.: (0xx71)-245 93 75: 9229375.

assumption of a theoretical approach that combines a biological viewes, that supposes direction and limits, settled by evolutionary environment and a developmental bias, that supposes novelty as a product of contingencies provided by individual experiences. This work aimed to explore these ideas from some research results that focused on the interaction possibilities between adult-child and child-child, in a day care environment. The data were obtained from observations of 62 one to three year-old children. The findings point at the stability of some ways of organization, as the orientation to the adult and to the other and the change in the relative importance of each kind of partner, as the child developmental status. These empirical data can be understood in the reference frames of a comprehensive theoretical approach, like the dynamic systems, with to an ethological perspective. This frame of reference must integrate the multiple influences – context and culture, biological bases – in the development phenomena. We highlight the importance of thinking the ethological concept of development in terms of a dynamic interaction between organism versus environment, supported by research results.

Key-words: day care; partnenships; ault-child; internaction; child-child internaction.

O ambiente de desenvolvimento como um problema prático e de pesquisa pode ser derivado de uma visão etológica do comportamento, na medida em que se postula um conjunto de padrões comportamentais estáveis ao longo do tempo, estabelecidos num ambiente evolucionário particular. Ao lado dos atributos materiais de tal ambiente, como recursos alimentares, relações com outras espécies, predadores e presas, destaca-se a dimensão social como atributo constituinte do ambiente: o sistema de relações entre co-específicos, os sistemas reprodutivos e de cuidado à prole (Eibl-Eibensfeldt, 1989).

Entre as características típicas do ambiente evolucionário humano e, por extensão, do ambiente de desenvolvimento, são postulados a vida em pequenos grupos familiares, a convivência com poucos e familiares adultos, um período prolongado de contato com adultos, geralmente a mãe e a criança, e condições de estabilidade do cuidado favoráveis à criação e manutenção de um forte vínculo entre a criança e um agente primário de cuidado até os três anos, no mínimo; não menos importante, seria a convivência extensiva com outras crianças, em condições de grupo multivariado em idade e sexo (Konner, 1976; Bowlby, 1984).

O exame das condições contemporâneas de criação, especialmente das modalidades de ambientes coletivos como as creches, sugere discrepâncias entre o que poderia ser considerado apropriado ao desenvolvimento da criança e o que lhe é realmente oferecido (Rubiano e Ferreira, 1985; Mello, 1987; Lordelo, 1995). Tipicamente, a criança das grandes cidades do mundo industrial tem sido levada cada vez mais cedo a uma forma de cuidado fora de casa, sob a responsabilidade de profissionais. No caso brasileiro, a criança que freqüenta uma creche pública costuma passar de 8 a 10 horas na instituição, sob a guarda de um adulto com pouca instrução e deficiente treinamento especializado. Ela convive com 20 a 25 crianças, às vezes mais, todas da mesma idade, sob a guarda de um a dois adultos, sem garantia de permanência das mesmas pessoas por um tempo prolongado. Nesse tipo de contexto, seria esperado que as oportunidades de interação com um parceiro adulto declinem, em favor da outra criança como parceiro privilegiado.

Os efeitos de tal experiência poderão ser prejudiciais ao desenvolvimento da criança? Os estudos empíricos realizados a respeito dos efeitos da experiência de creche têm apontado alguns efeitos moderados no desenvolvimento, tanto positivos quanto negativos, principalmente na esfera social (Belsky, 1988; Belsky e Steinberg, 1978, Scarr, 1993). De modo geral, eles têm fornecido um tipo de confirmação à decisão das famílias em confiar nesse tipo de cuidado, pelo menos quando a creche apresenta alta qualidade.

Apesar disso, pouco se tem avançado na pesquisa sobre os mecanismos subjacentes aos efeitos encontrados: efeitos como maior agressividade da criança, melhor desempenho em tarefas escolares, redução da atenção da criança ao adulto, entre outros (Belsky e Steinberg, 1978), seriam produzidos por meio de quais mecanismos? Como os

diferentes aspectos da experiência se combinariam para gerar os efeitos encontrados? É possível que essas questões ligadas, em último caso, aos mecanismos operando na experiência, sejam as mais relevantes como problemas de pesquisa (Lordelo, 1997), especialmente porque elas poderiam contribuir para gerar informação decisiva para subsidiar políticas sociais.

Uma outra razão, não imediata e não pragmática, para a questão enquanto problema de pesquisa, entretanto, vem do interesse sobre os modelos de explicação do desenvolvimento, cuja validação pode gerar um conhecimento capaz de influenciar novas perguntas e novas abordagens metodológicas em busca de respostas.

Nesse plano é que se propõe discutir o conceito de ambiente de desenvolvimento, questionando-se a natureza da relação entre ambiente evolucionário e ambiente de desenvolvimento. Uma estrita correspondência entre eles não parece defensável: as condições de criação modernas são, certamente, muito diferentes das condições supostas para o ambiente de evolução humana; mesmo contemporaneamente, nas mais diversas culturas conhecidas, as formas de criação são tão diferentes quanto possível. Ainda assim, em geral, o desenvolvimento ocorre e resulta em indivíduos viáveis.

Isso não significa a negação de uma base biológica do desenvolvimento. Ao contrário, trata-se de diferenciar conceitualmente base biológica e mecanismos de desenvolvimento, os quais não podem ser confundidos (Oyama, 1989). A suposição de um ambiente de desenvolvimento compatível com o ambiente evolucionário não significa assumir que o organismo herda um programa de desenvolvimento que será ativado (ou não) pelas experiências ao longo da vida. Buscam-se modelos explicativos capazes de elucidar os modos como o organismo e o ambiente interagem para produzir resultados adaptativos.

Um desses modelos, a abordagem dos sistemas dinâmicos, fornece um quadro conceitual capaz de compatibilizar uma perspectiva biológica, implicando em direção e limites impostos pelo ambiente evolucionário, com a perspectiva desenvolvimental, que implica em novidade, resultante das experiências da história do organismo individual. Nessa concepção, organismo e ambiente formam, em certo sentido, um sistema. O desenvolvimento dos organismos ocorreria em sistemas abertos, trocando materiais, energia e informação (Bateson, 1991; Asendorpf e Valsiner, 1992).

Essa abordagem assume que o desenvolvimento é a reorganização dos componentes do sistema para a realização de tarefas adaptativas (Sameroff, 1989). O autor sugere que o desenvolvimento é um produto da auto-estabilização, sendo que o organismo ativo submetido a uma série ordenada de perturbações responderá com uma série ordenada de adaptações. As fontes de perturbação seriam tanto internas (motivação) quando externas, provindas do ambiente, chamadas pelo autor de *ambientipo*, como correlato de genótipo e fenótipo.

O *ambientipo* incluiria uma agenda de desenvolvimento na qual mudanças graduadas na criança desencadeiam mudanças no ambiente; alguns desses desencadeadores são graduados por idade e ligados a pontos específicos no tempo. Por exemplo, três anos é a idade em que muitas crianças, na nossa cultura, começam a freqüentar a escola e a entrar em contato com novos adultos e muitos pares. Outros eventos ligados à idade como a puberdade, o andar, todos são perturbações externas organizadas, variáveis entre diferentes culturas, às quais o indivíduo responde com adaptações (Sameroff, 1989).

Os sistemas tendem a operar numa faixa de estados atratores preferidos. O conceito de atrator é derivado do campo da física teórica e refere-se a configurações para as quais os componentes dos sistemas tendem a convergir (Império-Hamburger, Pedrosa e Carvalho, 1996). Segundo Thelen (1989), os sistemas detêm uma propriedade de estabilidade dinâmica. Eles preferem uma certa faixa de resultados comportamentais – estados atratores. Por exemplo, o espaço de aptidão de um indivíduo, em termos de temperatura do corpo, taxa cardíaca etc., situa-se em certa faixa; doença ou exercício podem deslocar o indivíduo para outra faixa, mas o sistema "quer" retornar à faixa de aptidão, logo após cessar a perturbação. Isso é estabilidade dinâmica porque o

sistema não é rigidamente fixado a uma região confinada do espaço do estado, mas tende a permanecer e retornar a uma região limitada.

O conceito de atrator ajuda a entender como o comportamento pode ser, simultaneamente, estável e variável. Organismos em desenvolvimento não são nem estereotipados nem randômicos. O comportamento flutua, mas dentro de certos limites. Isto significa que o organismo tende a mostrar um número limitado de padrões comportamentais que, dentro de certas condições, agirão como atratores dinâmicos, que serão a configuração preferida a partir de um número de condições iniciais, sendo relativamente resistentes a perturbação (Thelen, 1989)

Os atratores estabilizam-se e desestabilizam-se durante a ontogenia. Thelen (1989) tem caracterizado as mudanças contínuas e graduais durante o desenvolvimento como estabilização e desestabilização de estados atratores preferidos. Mudanças descontínuas também requerem a disrupção dos estados estáveis.

Assim, na visão de Thelen (1989), a mudança ontogenética seria a reorganização de componentes para realizar tarefas adaptativas. Os sistemas desenvolvimentais seriam estáveis e previsíveis em dimensões que, sob pressão de demandas adaptativas durante a filogênese, foram restringidas em suas faixas de soluções. Por outro lado, a visão de sistemas também explicaria a variabilidade e flexibilidade dos sistemas quando as demandas de tarefas não são estritas, ou quando as manipulações experimentais desafiam os organismos com circunstâncias únicas.

A teoria de sistemas aplicada ao desenvolvimento pode ser um progresso na tentativa de discutir a questão do ambiente de desenvolvimento. Assim, a idéia de estados preferidos dos sistemas pode ser interpretada como correspondendo às faixas de variação no ambiente evolucionário. De modo análogo, a maior ou menor estabilidade dos sistemas, relacionada à faixa de variabilidade das perturbações, internas ou externas, corresponderia aos pontos limítrofes, a partir dos quais o comportamento se deteriora, como previsto pela etologia, por exemplo, em Bolwby (1984), quando o organismo tem de operar numa faixa de ambiente para o qual a evolução não lhe forneceu suporte.

A idéia de limite à variação ambiental, dentro da qual os sistemas de comportamento podem funcionar, é corroborada por Sameroff (1989), quando defende que o desenvolvimento e a evolução podem ser probabilísticos, mas não anárquicos. Também Asendorpf e Valsiner (1992) expressam um ponto de vista similar quando sustentam que a compreensão do desenvolvimento significa explicar o fato de que sistemas em desenvolvimento são parcialmente abertos e parcialmente autônomos.

Uma visão do desenvolvimento como reorganização do sistema poderia explicar satisfatoriamente as parcerias desenvolvimentais no contexto de creche? Ou seja, é possível compreender como organismos adaptados para o desenvolvimento em contextos diádicos (mãe-filho) e a pequenos grupos de crianças de idade variada ajustam-se a contextos essencialmente poliádicos, com a típica estrutura escolar de um adulto para muitas crianças de igual idade?

Para explorar essa possibilidade, propôs-se o exame dessas parcerias na creche, focalizando especialmente as interações sociais. Questionam-se as possibilidades de constituição dessas parcerias e a existência de mecanismos de ajustamento recíproco entre organismos e ambientes. Mais especificamente, o estudo procurou descrever os níveis de interação social entre crianças e entre estas e o adulto e as condições ambientais relacionadas.

Método

Sujeitos

Um total de 62 crianças de 1 a 3 anos, de cinco creches diferentes, metade delas proveniente de creches privadas e as demais de creches públicas.

Situações e procedimentos de observação

As crianças foram observadas em seus ambientes naturais de brinquedo, nas creches. Três sessões de 10 minutos, em dias diferentes, foram gravadas em VT, tomando-se cada criança como sujeito focal.

Tratamento e análise de dados

Conjuntos de 20 intervalos de 10 segundos, em que a criança estava a menos de três metros de um adulto e de pelo menos outra criança, foram selecionados aleatoriamente e classificados quanto ao nível de interação criança-adulto e criança-criança. A interação social foi definida como regulação entre indivíduos, incluindo a orientação da atenção social, ainda que não necessariamente recíproca (Branco, Carvalho, Pedrosa e Gil, 1989). A partir dessa definição, foram selecionados duas categorias correspondentes ao nível de interação (*Orientação* e *Interação*), aplicadas às diversas combinações de parceiros: *criança*, *adulto* ou *ambos*. A análise de variância (ANOVA) foi empregada para comparar as médias das categorias utilizadas por grupos formados com base nas variáveis *Idade, Sexo, Creche, Tipo de creche e Tempo na creche.*

Resultados

Interação adulto-criança

A idade da criança mostrou-se associada ao nível de interação entre adulto e criança, sendo mais alta entre as crianças mais novas (5,2 para crianças de um a dois anos e 3,0 para crianças de dois a três anos) o que pode ser interpretado como um indicador de que, conforme aumenta a idade da criança, o adulto diminui de importância como parceiro de interação, outras crianças assumindo esse lugar, provavelmente. A orientação (do adulto para a criança e da criança para o adulto), entretanto, não foi afetada pela idade da criança.

Não houve efeitos da variável sexo nas categorias de interação entre adulto e criança. Em relação à creche, entretanto, observa-se (Tabela 1) que a *Orientação do adulto para a criança* é bastante variável conforme a creche. Por exemplo, a creche Rama destaca-se por uma orientação do adulto para a criança mais alta do que as demais, enquanto na creche Rosa essa categoria teve freqüência zero. Por outro lado, a categoria *Orientação da criança para o adulto* não é afetada pela creche. Finalmente, na categoria *Interação entre adulto criança*, as creches mostram médias bastante diferentes, embora essas diferenças não sejam estatisticamente significativas, possivelmente em razão do pequeno número de casos de cada creche.

Uma classificação das creches na dimensão público-privada resulta numa forte diferença entre as creches na categoria *Orientação do adulto para a criança* (Tabela 1), mais alta entre as creches privadas. Também na categoria *Interação adulto criança*, verificam-se diferenças entre os dois grupos, a favor das creches privadas.

Tabela 1. Médias de interação adulto criança, por creche e tipo de creche

	Orientação do adulto		Orientação da criança		Interação adulto criança	
Creche	M	DP	M	DP	M	DP
Rama	2,2	3,3	5,9	4,6	4,3	3,6
Mimi	0,6	0,8	4,3	1,6	5,7	4,4
Sampa	0,9	1,2	4,4	3,9	6,9	5,7
Uni	0,3	0,7	4,7	2,5	4,4	5,2
Rosa	0,0	0,0	4,3	3,2	1,7	2,6
F	3,62		0,56		2,31	
P ≤	0,01		0,69		0,06	
Tipo de creche						
Privada	1,5	2,5	5,1	3,9	5,3	4,4
Pública	0,2	0,5	4,5	2,9	3,1	4,2
Média geral	0,8	1,9	4,8	3,4	4,2	4,5
F	8,410		0,535		4,215	
P ≤	0,00		0,46		0,04	

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as categorias associadas ao tempo da criança na creche.

Interação criança-criança

A variável sexo não mostrou qualquer associação com os níveis de interação, ao contrário da idade da criança. Como pode ser visto na Tabela 2, tanto a

Orientação quanto a Interação são mais altas entre as crianças mais velhas do que entre as mais jovens. As crianças mais novas estão menos orientadas e em interação com outras crianças do que as mais velhas. Na categoria *Orientação*, as crianças de dois a três anos obtêm média mais alta (10,5) do que as de um a dois anos (7,6). Na categoria *Interação*, as diferenças entre as duas faixas etárias são ainda mais acentuadas (2,1 para as mais novas e 3,9 para as mais velhas), sendo todas essas diferenças estatisticamente significativas. Este achado é concordante, em sentido amplo, com os dados de Eckerman, Whatley e Kutz (1975), que encontraram um aumento nas interações entre crianças, relacionado a aumento de idade, de Rossetti-Ferreira (1985), que encontrou diferenças no tipo de interação entre crianças de diferentes faixas etárias, predominando, entre as crianças de menos de dois anos, interações mais simples e menos estruturadas e de Vasconcelos (1985), que observou aumento de complexidade nas interações entre crianças conforme o aumento da idade.

Tabela 2. Médias de interação criança-criança por idade

	Orientação		Interação	
	M	DP	M	DP
Idade				
1 a 2 anos	7,6	4,5	2,1	2,2
2 a 3 anos	10,5	4,1	3,9	3,6
Média geral	9,0	4,5	3,0	3,1
F	6,814		6,025	
P≤	0,01		0,01	

A creche mostrou uma associação estatisticamente significativa com a categoria *Orientação entre crianças* (Tabela 3), uma diferença que persiste quando se considera a natureza pública-privada do estabelecimento. Por outro lado, a categoria de *Interação entre crianças* não foi afetada pela creche, vista individualmente ou categorizada conforme a sua natureza.

Tabela 3. Médias de interação criança-criança, por creche e tipo de creche

	Orientação		Interação	
	M	DP	M	DP
Creche				
Rama	11,2	4,6	2,9	2,5
Mimi	10,6	4,6	4,1	2,1
Sampa	9,2	3,9	0,5	0,5
Uni	9,7	4,3	3,4	3,9
Rosa	5,4	3,0	3,2	3,3
F	4,64		1,77	
P≤	0,00		0,14	
Tipo de creche				
Privada	10,5	4,3	2,5	2,4
Pública	7,5	4,3	3,3	3,6
Média geral	9,0	4,5	3,0	3,1
F	7,519		1,080	
P≤	0,00		0,30	

Trata-se de um resultado essencialmente diferente do que foi encontrado para a interação adulto-criança, que variou consistentemente nas categorias *Orientação do adulto para a criança* e *Interação*, conforme a natureza da creche. Na interação adulto-criança, a única categoria em que as médias foram semelhantes para os dois tipos de creche foi a *Orientação da criança para o adulto*. Esse resultado é consistente com a pouca variação encontrada na interação entre crianças, no sentido de uma certa independência dos mecanismos de envolvimento que regulam a interação entre adultos e crianças e entre estas apenas.

É também um resultado notável diante da força da variável sócio-econômica como explicação de comportamento, como medida de avaliação de qualidade de serviços sociais, como preditor de desempenho e tantos outros domínios relacionados. O nível de interação entre crianças independe, em parte, do ambiente socio-econômico da criança (à natureza pública ou privada da creche corresponde também um nível sócio-econômico baixo ou alto) e da qualidade das instalações da creche (materiais, formação de pessoal, instalações em geral).

Também a variável *Tempo da criança na creche* mostrou uma associação com a categoria *Orientação entre crianças*, que diminui à medida em que aumenta o tempo em que a criança freqüenta a creche (média de 10,0 para crianças até dois meses e 7,3 para crianças com mais de seis meses). Esse achado é compatível com os dados de Carvalho (1992), que encontrou redução de comportamentos de orientação mútua entre crianças conforme elas fossem parceiros habituais de brincadeira. Para a categoria *Interação*, as pequenas diferenças encontradas não foram significativas.

Discussão e conclusões

Tomando os dados em conjunto (Quadro resumo 1), observa-se que a categoria *Orientação da criança* apenas para o adulto apresentou uma alta estabilidade, independentemente de idade, sexo, creche, tipo de creche e tempo de freqüência à creche, sendo o mesmo padrão observado para a categoria *Interação entre crianças*, que variou apenas conforme a idade da criança e manteve-se constante com respeito às variáveis relativas às condições do ambiente.

Quadro 1. Síntese das tendências de associação entre as categorias de interação e as variáveis independentes.

	Idade	Tipo de creche	Tempo creche
Interação adulto criança			
Orientação do adulto		privada	
Orientação da criança			
Interação	mais novos	privada	
Interação criança criança			
Orientação	mais velhos	privada	até 2 meses
Interação	mais velhos		

Esses resultados apontam para a natureza extremamente estável da orientação social da criança, expressa na ausência de associação entre várias categorias com as variáveis estudadas, tanto em relação ao adulto quanto em relação a outras crianças. Essa estabilidade seria surpreendente num modelo de desenvolvimento em que o organismo "responde" às características do ambiente, neste caso, extremamente variáveis. As creches observadas eram bastante diferentes em espaço, formação de pessoal, características demográficas como tamanho do grupo e densidade espacial e, notadamente, em nível sócio-econômico das crianças e mesmo dos adultos envolvidos; ainda assim, há certos padrões de orientação e de comportamento que permanecem estáveis.

Considerada num modelo sistêmico de desenvolvimento, entretanto, a estabilidade ganha o sentido das propriedades características dos sistemas vivos (Thelen, 1989; Sameroff, 1989). Uma dessas propriedades, a qualidade dinâmica, pode ser entrevista quando se verifica como diferentes condições no ambiente social da criança estão associadas a rotas alternativas para a troca social que, embora sujeita a variações quantitativas e qualitativas, mantém-se como o modo de operação, por excelência, do contato do sujeito com o mundo.

Tal compreensão pode ser útil para uma concepção etológica de ambiente de desenvolvimento, que incorpore em sua formulação os dados sobre as interações e influências mútuas entre organismos e seus ambientes, no plano da ontogênese. Pensar as adaptações humanas para certos tipos de ambiente não deve significar inflexibilidade dos organismos em desenvolvimento, o qual pode ser caracterizado, numa perspectiva de sistema, como orientado pela eqüifinalidade. A operação desse princípio pode ser adequadamente descrita recorrendo-se às característica dos sistemas dinâmicos.

A adequação de uma perspectiva de sistema à interpretação desses dados, entretanto, permanece como uma proposta, uma vez que não podem ser afastadas hipóteses alternativas para explicar a estabilidade dos padrões de comportamento observado. Apesar disso, sugere-se o desenvolvimento da pesquisa nessa linha, de forma a alcançar uma compreensão mais próxima da complexidade do desenvolvimento através dos seus variados caminhos.

Referências bibliográficas

Asendorpf, J.B. e Valsiner, J. (1992). Editors' introduction: three dimensions of developmental perspectives. Em J.B. Asendorpf e J. Valsiner (eds). *Stability and Change in Development: a Study of Methodological Reasoning*. Newbury Park: Sage.

Bateson, G. (1991). *A Sacred Unity: Further to an Ecology of Mind*. New York: Cornelia and Michael Bessie Book.

Belsky, J. (1988). The "effects" of infant day care reconsidered. *Early Childhood Research Quarterly, 3*, 235-272.

Belsky, J. e Steinberg, L.D. (1978). The effect of day care: a critical review. *Child Development, 49*, 929-949.

Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes. (trads Á. Cabral).

Branco, A.U.A.; Carvalho, A.M.A.; Pedrosa, M.I.P.C. e Gil, M.S.C.A. (1989). Fluxo de interações entre crianças numa situação de brinquedo em grupo. *Psicologia, 15* (1), 13-27.

Carvalho, A.M.A. (1992). *Seletividade e Vínculo na Interação entre Crianças*. Tese de livre-docência. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP.

Eckerman, C.O.; Whatley, J.L. e Kutz, S.L. (1975). Growth of social play with peers during the second year of life. *Developmental Psychology, 11* (1), 42-49.

Eibil-Eibenfeldt, I. (1989). *Human Ethology*. New York: Aldine de Gruyter.

Império-Hamburger, A.; Pedrosa, M.I.P.C. e Carvalho, A.M.A. (1996). Auto-organização em brincadeiras de crianças: de movimentos desordenados à realização de atratores. Em M. Debrun; M.E.Q. Gonzalez e O. Pessoa (eds). *Auto-organização: Estudos Interdisciplinares*. Campinas: Coleção CLE, *16*, 343-361.

Konner, M.J. (1976). Relations among infants and juveniles in comparative perspective. *Social Science Information, 15*, 371-402.

Lordelo, E.R. (1995). *Ambiente de desenvolvimento humano – uma reflexão a partir do contexto creche*. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP.

Lordelo, E.R. (1997). Efeitos da experiência de creche no desenvolvimento da criança: uma revisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 13* (2), 221-230.

Mello, A.M. (1987). Tempo de mudança na creche da Vila Praia. *Cadernos de Pesquisa, 60*, 79-84.

Oyama, S. (1989). Ontogeny and the central dogma: do we need the concept of genetic programming in order to have an evolutionary perspective? Em M.R. Gunnar e E. Thelen (eds). *Systems and Development – The Minnesota Symposia on Child Psychology, 22*, 1-34. New York: Lawrence Erlbaum.

Rossetti-Ferreira, M.C. (1985). Comunicação entre crianças. [Resumo]. *Resumos X Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto.

Rubiano, M.B. e Ferreira, M.C.R. (1985). Avaliação longitudinal do desenvolvimento psicológico em crianças de creche. *Resumos XV Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto, p.119.

Sameroff, A.J. (1989). Commentary: general systems and the regulation of development. Em M.R. Gunnar e E. Thelen (eds). *Systems and Development – The Minnesota Symposia on Child Psychology, 22*, 219-235. New York: Lawrence Erlbaum.

Scarr, S. (1993) Biological and cultural diversity: the legacy of Darwin for development. *Child Development, 64*, 1333-1353.

Thelen, E. (1989). Self-organization in developmental process: can systems approaches work? Em M.R. Gunnar e E. Thelen (eds). *Systems and Development – The Minnesota Symposia on Child Psychology, 22*, 77-118. New York: Lawrence Erlbaum.

Vasconcelos, V.R.R. (1985). *Social Interactions in a Crèche*. Doctoral Thesis. University of Sussex.